

PRIMEIRA METADE DE SEMANA PROFÉTICA (PERÍODO DO DRAGÃO) Anos 722 AC. — 538 AD.

(Apoc. XII)

* — A destruição do reino de Israel ou das 10 tribus em 722 AC., ponto inicial da história profética do mundo
— A destruição do 10.º dos reinos bárbaros — os Ostrogodos — em 538, marcando o fim da 1.ª etapa dessa história — O duplo poder espiritual e temporal da Roma marcando, por sua vez, o início da 2.ª etapa — Roma, a grande dirigente espiritual do mundo até os nossos dias — a 1.ª Grande Babilônia Mística.

De tudo quanto dissêmos, resulta que a primeira metade da semana profética (Apoc. XII) ou seja o período do dragão, correspondente aos 42 meses em que o povo de Deus, simbolicamente representado por Jerusalém ou Israel, deveria ser pisado pelas nações gentílicas e aos 1260 dias em que, concomitantemente, os dois ramos da Igreja (o judeu e o gentílico) sob a forma de 2 testemunhas (cap. XI:1/3) profetizariam imunes do dragão, deverá ser literalmente tomado como um período de 1260 anos.

Podemos facilmente determinar os limites deste período, mediante um exame atencioso não só da "besta do mar" (cap. XIII), mas também da mulher e do dragão, simbolicamente e lindamente descritos, no capítulo XII, por estas maravilhosas palavras que se superpõem com singular exatidão a acontecimentos, alguns, então, já passados, outros, ainda futuros, porém que só se iriam completar após a definitiva queda do Império Romano do Ocidente (ano 476):

"E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma corôa de 12 estrelas sobre a sua cabeça.

"E viu-se outro sinal no céu: e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha SETE cabeças e DEZ cornos e **SOBRE AS SUAS CABEÇAS SETE DIADEMAS**. E a sua cauda levava após si a terça parte das estrelas do céu. E lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à lús um filho para que, dando-o ela à lús, lhe tragasse o filho. E deu a mulher à lús um filho, um varão que havia de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trôno. E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que lá a mantivessem por 1260 dias.

E quando viu o dragão (a antiga serpente) que fôra lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à lús o varão. E foram dadas à mulher **DUAS AZAS** de grande águia, para que voasse ao deserto, onde é sustentada por 1 tempo, 2 tempos e metade de 1 tempo, fôra da vista da serpente. E lançou esta de sua bôca atrás da mulher água como um rio, para que pelo rio a fizesse arrebatat. Mas a terra ajudou a mulher e abriu a terra a sua bôca e tragou o rio que o dragão lançára de sua bôca. E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra contra os demais da sua semente, que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo".

Analizados os símbolos desta belíssima descrição, facilmente identificamos neles: aquela mulher como sendo a Igreja de Deus inicial e simbolicamente representada, na antiga dispensação, pelas 12 tribus de Israel e, na presente, pelos 12 apóstolos.

Mais de um intérprete tem enxergado, com todo fundamento, no símbolo final do rio lançado pelo dragão atrás da mulher, a figura das hóstes bárbaras e pagãs que, lançadas contra a Roma cristã dos primeiros séculos, se converteram afinal ao Cristianismo e, águas tragadas pela bôca sedenta da terra, fizeram fugir ao dragão, marcando de tal forma o fim do primeiro ciclo do seu reinado. Esta interpretação ajusta-se como uma luva à que ao mesmo texto vamos dar mais adiante, na análise minuciôsa e fundamental que estamos fazendo do símbolo "dragão".

Tomando como chave a revelação de que, [Apoc. XVII:10] no ano 90 da presente era, correspondia o Império Romano **Uno** à 6.ª cabeça da besta escarlata ou do dragão, facilmente identificamos as **SETE CABEÇAS** de ambos como sendo os **SETE** impérios mundiais — o que viesse após o dos Césares inclusive — que uns aos outros se sucederam no domínio do mundo ocidental ou no simbólico e ininterrupto espesinhamento ou detenção do povo de Israel.

Mistér é fazer aqui um parêntesis: em linguagem profética, montes, bem assim ilhas e cabeças, representam reinos ou impérios e corno, como partes integrantes de cabeças, sómente poderão representar reis, imperadores e governantes pessoais (Daniel VII e VIII) e também nações ou reinos, desde que nascidos ou tributários de um mesmo império ou estado territorial.

Os diademas ou COROAS nas SETE CABEÇAS do dragão assolador do povo de Deus, significam que o ciclo histórico por ele sintetizado deveria durar somente o período dos reinados SUCESSIVOS dos SETE IMPÉRIOS mundiais pagãos (gentios) e jamais ultrapassar o último deles que, devendo ser o sucessor do Império dos Césares, não poderia ser outro se não o próprio Império Romano dividido ou, melhor, o Império Romano do Ocidente, subdividido finalmente em 10 reinos por seus invasores.

Delimitado, assim, pelo estudo dos símbolos, o período do dragão, ou seja o período das perseguições inócuas dos gentios à Igreja ou povo de Deus, vamos ver agora a que ciclo da História correspondem em conjunto os reinados sucessivos dos SETE impérios mundiais pagãos e quais são estes.

Sabemos já que esses reinados sucessivos somariam 1260 anos e se caracterizariam pelo espesinhamento ininterrupto do simbólico povo de Israel pelos gentios.

Ora, é fato incontêste que nenhuma data da história desse povo poderá ser jamais tão bem conhecida quanto a do ano 722 antes de Cristo, em que, seguramente, se deu a destruição do reino das 10 tribus de Israel pelo rei Sargão II, da Assíria. Todos os historiadores são acórdes neste ponto e nesta afirmação. Depois de haverem prosperado grandemente sob os reinados de Saul, David e Salomão, viram-se os israelitas a braços com seríssima contenda que terminou com a divisão do seu país em dois reinos: o de Israel e o de Judá, aquele formado por DEZ tribus e destruído em 722 AC. e este por DUAS tribus. Embora por muitos anos subsistisse o segundo ao primeiro, não temos dúvida em afirmar que o espesinhamento simbólico-profético de Israel pelos gentios começou de fato naquele ano de 722 AC., porquanto todas as profecias o prevêem ininterrupto e exercido por SETE impérios mundiais sucessivos. Ora, o espesinhamento anterior sofrido nas terras do Egito fôra largamente interrompido pela volta de Israel à pátria e sua longa permanência nela.

Partindo desta premissa, chegaremos a uma conclusão verdadeiramente notável:

o ano de 538 desta era, no qual deveria terminar o espesinhamento profético de Israel pelos gentios ou seja a atuação profética das 7 cabeças do dragão vermelho (1260 anos), acha-se maravilhosa e coincidentemente marcado por um evento histórico que nos tira qualquer dúvida: a conversão ou submissão ao Cristianismo das últimas hordas germânicas que, invasoras do Império Romano do Ocidente, neste — A SÉTIMA CABEÇA DO SIM-

BOLO DRAGÃO — haviam fundado o décimo (10.º) dos reinos bárbaros — os Ostrogodos. (6).

Foi aí que, segundo pensamos, acabado o testemundo da Igreja — ou de suas duas testemunhas — conforme Apoc. XI, versículo 7, a besta que subiu do mar as venceu e as matou... em Rôma! — Ou, melhor, foi aí que, tendo finalizado o Império do Dragão Vermelho, DE SETE CABEÇAS CO-ROADAS, o domínio do mundo passou ao Império da Besta do Mar ou seja à oitava cabeça do próprio Dragão (Apoc. XVII:11) a qual, por ser espiritual, está invisível no símbolo deste.

Com efeito: com a conversão ou submissão, no ano 538, do 10.º dos reinos bárbaros estabelecidos no Império Romano, havia de fato o povo de Deus, simbolicamente representado por Israel, passado, conforme Daniel VII, pelo domínio de 4 grandes impérios:

Assírio Babilônio	(1)
Médo-Pérsia	(2)
Grêco-Macedônio	(3)
e Romano	(4)

e, de acordo com Apocalipse XII, XIII e XVII, pelo domínio de SETE:

Assíria-Babilônia	(1)
Média-Pérsia	(2)
Grécia-Macedônia	(3)
Egito (7)	(4)
Síria	(5)
Roma Unida	(6)
e Roma Dividida	(7)

Cabem agora aqui duas interessantes observações: profetizado no capítulo UNDÉCIMO do Apocalipse e em seu versículo SÉTIMO, o extraordinário e impressionante evento histórico da conversão ou submissão dos Ostrogodos ao Cristianismo, não somente marca, sem a mínima dúvida, a consumação da SÉTIMA cabeça do dragão vermelho apocalíptico, mas também, exatíssimamente, o aparecimento do UNDÉCIMO como do 4.º animal daniélico (Daniel: VII: 8 e 20) iniludível símbolo do Império Romano, como o n.º 4 o é do catolicismo, conforme adiante veremos; e, coisa extraordinária: não obstante as pavorosas perseguições movidas pelo dragão vermelho contra

(6) Com efeito: são estes os 10 primeiros reinos bárbaros estabelecidos no Império Romano do Ocidente em ordem cronológica: Visigodos (375); Suévos (405); Burgúndios (413); Alanos (418); Vândalos (435); Hunos (450); Anglo-Saxões (455); Hérulos (476); Francos (481) e OSTROGODOS (498).

(7) Conforme todos sabem, com o desmembramento do Império Grêco-Macedônio ou, melhor, do Império da Alexandria, o povo e a terra de Israel passaram sucessivamente aos domínios do Egito, Síria e Roma.

os cristãos, por intermédio do Império Romano Pagão, proféticamente as duas testemunhas da Igreja de Cristo só foram vencidas e mortas quando esta, pela conversão ou submissão dos Ostrogodos, se julgara mundialmente triunfante!

Mas que evento notável da História, ocorrido precisamente no ano 538 ou, talvez, decorrente da própria submissão dos Ostrogodos, poderia autorizar-nos tão ousada quão paradoxal afirmativa? Não estava então o Cristianismo inteiramente senhor do mundo? Não se haviam a ele afinal submetido todas as hordas pagãs, invasoras do Império Romano? Este próprio, talvez o maior dos inimigos dos cristãos, não se achava, desde muito, também integrado sob o signo da Cruz?

A estas perguntas responderemos com vagar...

Naquele ano de 538 terminaram, com efeito, como vimos, os reinados sucessivos das SETE cabeças COROADAS do dragão vermelho, de SETE cabeças e DEZ cornos. E as corôas, até então vistas sobre essas cabeças, passaram a figurar simbólica e efetivamente nos DEZ chifres... não mais do dragão vermelho, mas da "besta que subiu do mar" (Apoc. XIII:1/10). Com diadêmas efetivos exclusivamente nos 10 chifres da sua SETIMA cabeça (o Império Romano), simbolizaria, sem dúvida, essa nova modalidade do próprio dragão disfarçado, não somente os despójos dos 7 impérios pagãos atrás discriminados (7 cabeças sem corôas), mas também a efetiva atuação dos 10 reinos em que se havia subdividido o Império Romano do Ocidente (10 chifres coroados).

E esses DEZ REINOS seriam, como foram — e não se perca nunca isto da memória! — exatamente aquelas nações católicas que, sob a égide de Roma — a Grande Babilônia Mística — iriam dominar espiritualmente o mundo ocidental até os nossos dias. Dúplice domínio, espiritual e temporal, o seu início, — que delimita dois períodos nitidamente profético-apocalípticos, o período do dragão e o período da besta do mar — está maravilhosamente marcado por um notável acontecimento histórico, guerreiro-espiritual: havendo vencido no ano 538 aos Ostrogodos, por intermédio do seu general Belisário, pôde o grande imperador Justiniano, do Oriente, proclamar efetiva, sobre todos os povos do mundo ocidental, a supremacia espiritual do bispo de Roma, que já houvera decretado no ano de 533 e contra o qual se revoltara aquele povo!

Era este fato a primeira manifestação histórica da terceira besta apocalíptica, que, tendo somente 2 cornos, restaurava a saúde e a vida à 1.ª besta... (Apoc. XIII:11/18).

Foi aí que, segundo a maioria dos intérpretes e nós com eles, a besta que subiu do abismo (a besta do mar) venceu em Roma (vide versículos 7/9 do ca. XI do Apocalipse) as duas testemunhas da Igreja ou seja a própria Igreja!

Com efeito, aceitando esta o domínio político-espiritual do mundo, convertido mais tarde em domínio temporal espiritual absoluto, tornou-se nitidamente mundana e, como tal, antagônica às sublimes palavras do Mestre:

"O meu reino não é deste mundo!"